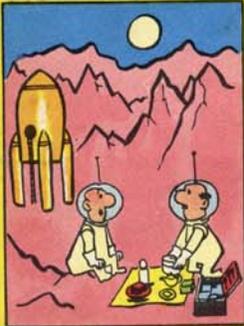


# FOGUETÃO

SEMANÁRIO JUVENIL PARA O ANO 2000

## ANEDOTAS ESPACIAIS

Piquenique em Marte



— Que pena! Esqueci-me do sal...



Entre a «escada» e a parede...



MISSEIS TELEGUIADOS

NESTE NÚMERO:

— o artigo sensacional

«QUEREM LER UM BOM ROMANCE POLICIAL? ESCRIVAM-NO!»

— a evolução ilustrada

«A PRIMEIRA TRAVESSIA AÉREA DA MANCHA»

— e a extraordinária reportagem gráfica

«A CIDADE DOS FOGUETÕES»

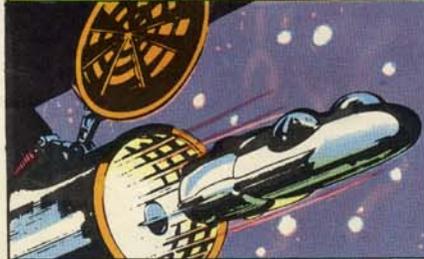
Pertence a este número uma separata com o «Jornal da BP» que insere a aventura automobilística de grande emoção e movimento.

«O CIRCUITO FANTÁSTICO»



## O PLANETA DESCONHECIDO

MAS O CAPITÃO MARTE NÃO DEU OUVIDOS À OBSERVAÇÃO E PARTIU NUMA AEROLANCHA, RUMO AO EXPLORADOR.



DEIXE-ME ENTRAR PRIMEIRO, CAPITÃO!



NO SILÊNCIO DO ESPAÇO, A DISTÂNCIA ENTRE AS DUAS AERONAVES ERA CADA VEZ MENOR...



TOMA O COMANDO, FOGUETE! NÃO CONTO DEMORAR-ME!



GOSTARIA DE IR CONSIGO, CAPITÃO!



NÃO, AMIGO! ESTA É UMA DAS ALTURAS EM QUE É MELHOR ESTAR SÓZINHO!



ISTO NÃO ME AGRADA! A PORTA DE SEGURANÇA ESTÁ ABERTA!

(CONTINUA NA PÁGINA 8)

# OS AMIGOS DOS NOSSOS AMIGOS



O «Foguetão» orgulha-se de ter conquistado rapidamente boas e sólidas amizades. De toda a parte nos continuam a chegar as mais diversas e inequívocas provas de apreço. Mas, se são já muitos — quase três dezenas de milhar! — os nossos amigos, muitos mais poderão ser num abrir e fechar de olhos se aqueles se lembrarem apenas deste dito tão verdadeiro: «Os amigos dos nossos amigos, nossos amigos são».

De facto, se cada um dos leitores nos conquistar — entre os seus amigos e companheiros de escola ou de oficina, de recreio ou de emprego — um novo amigo, o «Foguetão» receberá um novo e extraordinário impulso, na sua viagem através dos espaços siderais... E com isso, podem estar certos, os primeiros a lucrar serão sempre os leitores!

*Piloto chefe*

# os caminhos da RADIO E TELEVISÃO

O prometido é devido!  
Eu sei que muitos de vocês, uns como prenda de anos, outros como compensação pelas boas notas conseguidas no liceu, dispõem de um valioso brinquedo: uma máquina de gravar. Outros já ainda que têm mais um complemento indispensável para montagens sonoras: — um gira-discos.

Como qualquer destes aparelhos é bastante caro, lembro para já que devem ter com eles o maior cuidado.

São instrumentos muito sensíveis e por isso têm de os tratar com todas as atenções.

sentido da narração, separados esses que, antecedendo os tais situações a que me referi, vêm reforçá-las musicalmente e simultaneamente embelazar o trabalho de montagem.

Vou dar-lhes um rápido exemplo para melhor compreenderem:

**SOM**  
1) *Abertura musical dramática* — (30 segundos) Ao fim de trinta segundos, faz-se um abaixamento musical (fade out) de forma a ficar a ouvir-se a música em fundo, para não prejudicar a voz do locutor, que deve falar logo que receber sinal para isso.

2) *Locutor* — «O Fiel», conto de José Miguel — locução de X, montagem de Y, etc.

3) *Som* — Sobre a música durante mais trinta segundos para baixar então e ficar em fundo durante um minuto e depois desaparecer totalmente.

4) *Locutor* — «O Fiel», o rafeiro mais simpático que todos os dias pela manhã nos acompanhava ao liceu Camões, à espera que algum de nós lhe desse um pedaço do lanche, apareceu hoje a arrastar-se e a

ganir. Que lhe teria acontecido?... O seu olhar era tão triste, tão triste, que metia dó.

Pobre «Fiel»!... (Pausa rápida) Mas... espera... Uma ideia!... Vamos ali à Escola de Medicina Veterinária... Talvez ele tenha possibilidade de se salvar...  
Vamos, «Fiel»!

5) *Som* — Música que sugira galope. (Ex. abertura da «Cavalaria Ligeira», de Suppé).  
A música fica em primeiro plano durante trinta segundos, depois desaparece rapidamente, de preferência num final de frase musical.

6) *Locutor* — «O Fiel» já parece outro!... Salta, pula à nossa volta e agora, todas as manhãs, o rafeiro mais simpático da nossa rua, lá vai connosco até ao Liceu, a devorar com apetite pedaços do nosso lanche.

7) *Som* — Música alegre aproveitada no fim do disco, para dar um fecho ao programa.

No próximo número, explicarei a melhor forma de tecnicamente montarem o programa, até para a semana!

## CONCURSOS DO «FOGUETÃO»

Resultados da 2.ª volta

Nesta segunda etapa do nosso concurso, houve a assinalar o facto de nenhum concorrente ter alcançado a classificação máxima (20 pontos).

A vitória coube, desta vez, a um concorrente de Lisboa, Emanuel Jesus da Cruz, que totalizou 19 pontos.

A melhor definição da palavra misteriosa foi contido dada por um concorrente que, no total, está um pouco atrás (18 pontos). É de Paulo dos Santos Ferreira a melhor definição de ADAMASTOR:

«Gigante mitológico que foi convertido em penedo por ousar amar Thetis, esposa de Peleu. Aparece nos «Os Lusíadas» encarando o Cabo das Tormentas e simbolizando o medo e o perigo do mar desconhecido».

Na continuação para a «final», do mês de Maio, vão à frente, com (36 pontos), «SANTO» e Jorge Alberto da Cunha Serra.

A classificação da segunda volta foi a seguinte:

19 PONTOS

Emanuel de Jesus da Cruz.

18 PONTOS

Paulo dos Santos Ferreira, Noel Alexandre da Silva Moreira, Jorge Bau de Sousa, Jorge Alberto Cunha Serra, Nuno Chambers de Campos, Manuel Mário Correia de Almeida, António Augusto Tavares Fernandes, Augusto, Fernando Sequeira Ribeiro, Jack Leon e Luís Alberto Gouveia Monteiro Fortie.

17 PONTOS

José Pedro dos Santos, José Félix Valgode, Alexandre Campos Romeiras, Joar, António de Barros Lima Guerreiro, Fernando Martins Henriques, Repórter Espacial, Linda, João Paulo G. C. Barbosa, H. de Albuquerque, Inspector Ramon, Pedro Barbosa, António Manuel Jerónimo Rodrigues, Jorge Alexandre Crasso e Diogo Tomás Teixeira Mesquita Quintela.

16 PONTOS

Luís João da Silva Mateus, António Manuel Tavares Dias de Brito, Carlos Eduardo Valgode, Pedro Duarte Rodrigues, Mário

Nunes dos Santos, António Manuel Correia de Melo Domingues, António Manuel Cristiano Serol, Zé Quim, Alberto Arons de Carvalho, Rui Carlos Correia Vieira, Jorge Alves Pires, Betty, Carlos Eduardo Macedo dos Reis, Carlos Manuel de Oliveira Santos Serra, Sálvio José Azevedo Nora, João Manuel Eugénio Branco Listo, Virgínia da Conceição Escalço, Manuel António Correia Teles e Alfredo Manuel Carvalho dos Santos.

15 PONTOS

A. H. Oliveira, Falcão, Lhego Gido, Vítor Manuel Mateus Gomes, António Vicente Sequeira Ribeiro, Joaquim Rui Sá Dias, Carlos Branco Listo, José Ricardo F. Pedrosa Botas, Rogério de Almeida Mano Correia, António José Pereira da Costa e Maria Ema Brandeiro Ferreira.

14 PONTOS

Evartisto Oliveira Ferreira, Manuel José Freitas, Ana Maria Leal Fernandes, José Augusto Mendonça, Detective Relâmpago Z, Amândio António da Silva Amado Vasconcelos, Fernando António dos Reis Pombro, António Oliveira Moniz Barreto, David de Castro Dias e Júlio Montalvão.

13 PONTOS

João Manuel Macedo dos Reis, José Rodrigues Nascimento e Carlos António Marques da Silva.

12 PONTOS

Inspector Falcão e Luís Filipe Lopes.

11 PONTOS

José Agostinho Baptista Leitão.

10 PONTOS

António José Portela Duarte, Artur Manuel Campos Reis, Carlos Manuel Serrano dos Santos, Inspector Yard, Joaquim Fernando Gorjão Duarte, Kurica, José António de Sousa Borges, José António de Pádua Osório de Andrade, Luís Pedro Marques Ribeiro Reis, Maria Manuela Amorim, FCI e Basílio José Martins.



É um passatempo, como outro qualquer, que diverte, mas cuja finalidade é efémera.

Se tiverem uma bobina livre, experimentem tentar uma montagem sonora.

Necessitam evidentemente, pelo menos, de um gira-discos. Se não o tiverem, porque não combinam com um amigo — ou mais — que também se interesse por estas «brincadeiras» e que tenha um «pick-up», para depois dos estudos, (talvez aos sábados de tarde e aos domingos), se dedicarem a este passatempo?

O que tiver melhor voz, ou o que mais se aproximar dum bom locutor, tomará a seu cargo a apresentação do texto. O outro será o técnico — o sonoplasta, se preferirem, o montador do programa.

Como proceder?

1.º Escolhe-se o texto, que para iniciação deverá ser curto, prosa simples, de preferência um conto.

Depois de lido e estudado, deverá ser escolhida a música que o «ilustrará». Não pensem que é trabalho fácil escolher o trecho apropriado. É necessário acima de tudo bom gosto. Uma vez o texto escolhido, e preparada a parte musical, têm meio caminho andado.

Como só possuem um gira-discos, não podem, evidentemente, fazer misturas musicais ou de ruídos que tanto embelazam as montagens sonoras. Por esse motivo vou dar-lhes um conselho, que me parece o mais prático e seguro:

O conto que escolherem, terá certamente vários períodos: Uns descritivos, outros dialogados; outros ainda que nos podem sugerir situações alegres ou tristes. Pois bem: quando assim sucede, devem procurar separadores musicais curtos, para não se perder o

## FOGUETÃO PASSA À ESCUTA E RESPONDE...

António Manuel Soares de Figueiredo, Coimbra — Parece-nos um pouco «velha» a ideia de publicar no «Foguetão» os retratos dos leitores. De quais? De todos? Não chegariam talvez cem números, cheinhos de ponta a ponta, em todas as páginas... Agora, publicar os retratos de certos leitores, que se salientem por qualquer motivo — pela sua colaboração literária ou artística, pelas suas soluções, pelas provas de amizade e dedicação que nos derem —, isso estamos inteiramente de acordo. E já saíram várias fotografias, dos leitores que responderam primeiro ao nosso sensacional inquérito à juventude sobre o ano 2000.

António Manuel Correia de Melo Domingues, Porto — «O que me desagrada» — diz a sua carta — foi o jornal ter as folhas soltas. Ora onde é que se viu um jornal — jornal, como o «Foguetão» pretende ser — um jornal no género do «Diário de Notícias» ou do «Diário Popular» —, ter as folhas soltas? Descansa, que elas não fogem, se tiveres amor ao jornal.

### FOGUETÃO SEMANÁRIO JUVENIL

DIRECTOR: ADOLFO SIMÕES MULLER

Editor: M. M. Motta Cardoso — Propriedade da E. N. P. — Redacção e Administração: Avenida da Liberdade, 266 — Composto e Impresso nas oficinas gráficas do Anuário Comercial de Portugal

## O SOL NEGRO

NÃO PODE HAVER DÚVIDA. SÃO OS PNEUS USADOS DO 2.º V. CONHEÇO — OS...

OS OUTROS OS NOVOS, OS DO PORCONE!

TU, PROCURA OS ENDE REÇOS PELA LISTA TELEFONICA. ENTÃO, EU TELEFONO PARA O HOS PITAL. O.K.?

ALD, NOS PITAL, BOA TARDE, MINHA SENHORA, COMO VAI O MARCANDO?

UMA FORTE COMOÇÃO CEREBRAL... NÃO! ANTES DE UNS DIAS NÃO! A NÃO PÓSSITO! QUANDO ESTAVA A ARRANJAR O QUE ME INTERESSAVA UMA COISA QUE TALVEZ LHE INTERESSE.

NÃO BRACO ESQUERDO TINHA UMA PALAVRA ESCRITA COM ESFEROGRÁFICO: NAGAMOURA

BEM SEI QUE NÃO TENHO NADA COM ISSO, MAS TALVEZ POSSA TER IMPORTANCIA.

FEZ MUITO BEM, MINHA SENHORA! POSSA TER UM MENOR PRECISO. MUITO OBRIGADO!

UM QUARTO DE HORA DEPOIS... POUCA SORTE! OS SÚCCOS LÊEM-NOS À ESTRADA. O MARCANDO DEVE TER TENTADO DESPISTA — LOS DANDO ESTA VOLTA.

ESTÁ ARRIVANDO QUE NÃO VINHAM DE LONGE. 2CV. CONTRA PORS-CHE.

REPARA NESTE PEDAÇO DE VIDRO, JANECA. ENCONTREI-O NA ALGIBEIRA DO MARCANDO. É VIDRO VULGAR. ALÉM DISSO, A MANGA DO CASACO DELE ESTAVA RETALHADA EM VÁRIOS SÍTIOS...

...COMO SE ELE TIVESSE TENTADO SAIR POR AÍ... ME O ENDE REÇO? UMA JANELA, SEM TER TIDO DE TODOS OS VÍDRACIOS DOS QUARTOS...

CONTINUA

## PARA OS NOVOS LEITORES DO «FOGUETÃO»

Eis mais uma vez explicada a mecânica dos nossos concursos

Muitos dos jovens que hoje lêem — e relemem! — o «Foguetão», não o conheceram logo nos seus primeiros números e não puderam assim estudar o regulamento dos nossos concursos que, como sabem os «veteranos», foi publicado nos n.ºs 1 e 2 do jornal. Para esses — os novos leitores — e atendendo inúmeros pedidos, vamos hoje dar uma vez mais o citado regulamento que pedimos o favor de estudarem com atenção. Desde já queremos focar um ponto importante:

**A PARTIR DE AGORA, NÃO SE ACEITAM MAIS RESPOSTAS QUE NÃO VENHAM EM POSTAIS!**

Tenham paciência, amigos. As respostas em carta dificultam extraordinariamente a classificação e, para vocês, têm o inconveniente de... serem mais dispendiosas.

Portanto, rapazes, as cartas ficam reservadas para as vossas conversas com o Piloto-Chefe. Respostas aos concursos: «Só em postais».

E vamos agora ao regulamento propriamente dito.

Os concorrentes enviar-nos-ão as soluções do problema policial (Clube do Mistério) e das palavras cruzadas (À procura de uma palavra). Quanto ao problema policial, o que conta é a exactidão da resposta — a descoberta da chave do enigma, para o que é por vezes muito importante observar bem a ilustração que acompanha o texto. Nada, portanto, de «extensos

relatórios». Pelo que diz respeito às palavras cruzadas, os concorrentes devem indicar na sua resposta a palavra misteriosa, fazendo-a acompanhar de uma breve definição, no máximo de cinco linhas.

As respostas devem dar entrada na nossa redacção no prazo de seis dias, isto é até à véspera da saída do «Foguetão» imediato àquele a que elas se referem.

Tanto as soluções do mistério policial como as respostas ao problema de palavras cruzadas, serão atribuídos pontos de 0 a 10, consoante a sua exactidão e o seu mérito. Quem, no conjunto, se aproximar mais dos 20 pontos — ou atingir mesmo esta pontuação — será proclamado o vencedor da semana, recebendo como prémio três livros policiais. No caso de haver dois ou mais concorrentes em igualdade de classificação, o prémio será sorteado entre eles.

Ao cabo de cada mês (correspondendo, pois, a quatro ou cinco números do «Foguetão»), far-se-á a soma dos pontos dos vários concorrentes. Ao que totalizar melhor contagem, será atribuída uma medalha de prata. Se se verificar empate na classificação de dois ou mais concorrentes, ter-se-á em consideração a data da entrega das respostas, verificável pelo carimbo do Correio, dando-se preferência ao que tenha respondido mais cedo.

E pronto, amigos! Os livros e as medalhas de prata cá estão à espera dos ases!



# O ENIGMA CHINÊS

UM GRANDE ROMANCE DE MISTÉRIO E AVENTURA

Buster Webb voltou a Norfolk. Pretende agora descobrir a identidade do chefe do bando que cobria a estrueta de Buda. Romance de YVES DUVAL. Ilustrações de EDOUARD AIDANS

# A ESTRELA DA SEMANA



## ONDE LI-FANG JUSTIFICA QUE É O REI DA DESTREZA

Situadas em pleno centro, as «Varietés» eram o maior «music-hall» da cidade. Para conseguir entrada nos bastidores, Buster Webb comprou no florista vizinho um soberbo ramo de rosas vermelhas, que lhe acomodaram com arte num grande papel de seda.

O jovem ex-sargento apresentou-se então na porta dos artistas. — São para a vedeta! — disse, metendo as flores debaixo do nariz do porteiro.

E, como se fosse o empregado do florista, entrou com desembaraço, juntamente com meia dúzia de acrobatas que chegavam rindo. Buster subiu a escada que levava ao primeiro andar, isto é, ao nível do palco. Ali, desembarçou-se do ramo, que pôs a um canto e começou a examinar os letreiros colados nas portas dos camarins.

— Que quantidade de portas que há aqui! — disse para consigo. — Onde diabo se esconde o meu simpático chinês?

Quando ia meter por um corredor lateral, viu de repente, encostado à parede do fundo, um homem de casaco aos quadrinhos, chapéu de feltro cinzento derrubado para os olhos, que fumava descuradamente o seu cigarro. Aquela convergência de guarda-fatos... Era Jim, o homem de confiança de Nel Molsen.

Recoando que o indivíduo o reconhecesse, Buster bateu precipitadamente em retirada, voltou ao fundo do corredor e atirou-se para a primeira porta que encontrou. Por sorte, era um vasto compartimento que servia de armazém para os adereços de cena e estava cheio dos mais heteroclitos objectos. Rápidamente, o rapaz desentou a lâmpada eléctrica, depois do que desiluziu para trás de uma pilha de malas e baús. Ouvira passos de cá para lá no corredor. Seria Jim que o procurava? Esperou um longo momento, com o coração palpitante. Por fim, uma campainha estridente soou. Uma voz gritou:

— Para a cena!

E foi uma louca galopada pelo corredor, enquanto a orquestra atacava a marcha de abertura.

Quando lhe pareceu que o corredor estava vazio, Buster arriscou-se a sair do quarto de arrumações. Guiado pelo som da música, foi avançando, misturou-se por instantes aos atarefados maquiinistas, para, finalmente, se colar a um cenário, ao lado do bombeiro de serviço, que o tomou por um empregado do teatro. Assim dissimulado, assistiu a uma exibição de cálculos sábios, aos exercícios de desarticulação do homem-scorpente e às canções de um cómico-fantasia. Em seguida, o animador anunciou pelo microfone:

— Eis agora, senhoras e senhores, Li-Fang, o rei da destreza!

— Até que enfim! O meu homem! — disse Buster para consigo.

— Assim que ele terminar o número, tigo-o até ao camarim. Na verdade, como lançador de facas, o chinês era de uma destreza extraordinária. Não só omoldurava com os seus projectéis acerados a fina silhueta da sua ajudante, mas era ainda capaz de cortar ao meio uma carta de jogar ou um cigarro que alguém segurasse entre os lábios. Um número de arriprial!

Três vezes os entusiásticos aplausos do público chamaram à cena o hábil artista. Depois o pano desceu. Enquanto os serventes transportavam para o palco os trampolins destinados aos saltadores do número seguinte, Li-Fang pusera-se a retirar as facas cravadas na tábuca que lhe servia de alvo. Já Buster ia avançar para ele, quando sentiu nos rins um pequeno objecto redondo e duro que mão desconhecida apoiava com insistência. Voltou a cabeça: era Jim, que se lhe colava às costas.

— Desta vez apanhei-te! — murmurou ele. — Avança! Marcha à minha frente, sem um gesto, sem uma palavra!

Rápidamente, o patife empurrara Buster para trás dos cenários, mesmo ao fundo do palco, ponto completamente deserto. Daí partia uma pequena escada para o andar superior.

— Vamos... sobe!

Sempre sob a ameaça da arma, agora assctada às suas omoplatas, o ex-sargento já tinha posto o pé no primeiro degrau, quando ouviu um corpo pesado cair por trás de si. O «gangster» jazia no chão. Quem o

derrubara? Simplesmente um saco de arcaia que servia de contrapeso a uma das numerosas cortinas do palco. Ainda Buster perguntava a si próprio o que tinha acontecido, quando o chinês lhe pegou na mão e o arrastou vivamente para o seu camarim

— Está a ver como o lançamento da faca pode servir para cortar uma corda a cinco metros de distância? Cheguei a tempo... Aquele diabo lá faz-lhe passar um mau bocado. Mas também que loucura a sua vir aqui! Não sabe que este teatro é domínio de Nel Molsen?

— Sei! — respondeu Buster. — Mas precisava absolutamente de falar consigo e não tinha outro sítio para o encontrar. É a segunda vez que o senhor me salva a vida e me trata melhor do que um amigo...

— É natural. Detesto Molsen e o seu bando. Para eles, sou apenas um insignificante criado amarelo. Compreende que tenho gosto em os prejudicar sempre que posso.

— Que fez Molsen quando verificou que eu tinha desaparecido do armário?

— Zangou-se terrivelmente! Mas eu lá conseguí pôr-me de fora... Convenci-o de que não sabia nada e de que os homens dele deviam ter deixado a porta mal fechada.

— Admirável! Você é um tipo formidável, Li-Fang! Ficaria muito aborrecido se tivesse tido maças por minha causa.

— Disse então que vinha falar comigo?

— Sim, precisava que me desse mais uma ajuda. Creio que é o senhor a única pessoa que me pode prestar um grande serviço...

— Se estiver na minha mão, da melhor vontade. De que se trata?

— Como criado de Nel Molsen, deve conhecer, mais ou menos, as suas actividades, as pessoas com quem ele se dá! É que desconfio de que, apesar das aparências, não é Nel Molsen o verdadeiro chefe do bando...

— Ouça lá: o senhor não será da Polícia?

— De forma alguma! Fui simplesmente encarregado por um certo Igor de vir buscar a Norfolk uma estrueta de Buda que estava nas mãos de um tal Forrester e a que Igor dá grande importância.

— E você conhece esse Igor?

— Só o vi uma vez. Deve ser um maduro... Talvez colecionador.

Em resumo: Igor quer agora saber quem é o chefe dos homens que o impedem de recuperar o seu ídolo. Se você me ajudasse, eu ganharia vinte mil dólares e, naturalmente, não me esqueceria de si.

Já Li-Fang abria a boca para responder, quando se ouviram passos precipitados no corredor. Esses passos pararam em frente do camarim, cuja porta foi sacudida por violentos socos.

— Abra imediatamente! Mas abra, Li-Fang!

— Molsen e Jim! — murmurou Webb. — Desta vez estou perdido!

Mas já o chinês agarrara Buster pelos ombros, enquanto um sorriso encurruilhava os seus olhos inquietantes.

A SEGUIR:

## ONDE BUSTER WEBB SE VÊ EM APUROS



## ALIDA VALLI

Nascida em 1921, na pitoresca aldeiazinha de Pola, na Itália, Alida Valli foi desde sempre uma criança emotiva. A menor contrariedade mergulhava-a numa crise de lágrimas. Mas os pais, grandes amadores de música, de teatro e de poesia não pensavam que Alida fosse «apenas» emotiva.

— Vai ser uma grande actriz... — dizia a mãe.

Isto passava-se no tempo em que Mussolini acabava de criar a famosa «Scuola Esperimentale de Cinematografia». Quando os alunos davam provas de um certo talento, tinham direito a estudar gratuitamente durante quatro anos. Foi para essa escola que o «signor» Valli mandou sua filha. E Alida alcançou desde logo uma bolsa de estudo.

A sua carreira cinematográfica tem decorrido sucessivamente na Itália, na América e em França, Rodou um filme em Inglaterra «O terceiro homem» e outro em Espanha. Nos Estados Unidos, o seu primeiro filme foi «O caso Paradine», com Gregory Peck. A propósito desse filme e da facilidade com que Alida (ainda hoje) chora, conta-se a seguinte anedota:

Alfred Hitchcock, o realizador, fez-lhe repetir por várias vezes uma cena de comovimento. Assim que ouvia a ordem: «Chore!», Alida desfez-se imediatamente em lágrimas, com grande espanto dos presentes. Por fim, já satisfeito com os ensaios e querendo passar às filmagens, Hitchcock perguntou-lhe se podia chorar ainda uma vez mais. E ouviu, espantado, esta resposta:

— Com certeza! Com o olho direito ou com o esquerdo?

É certo que Alida Valli deve muito do seu êxito de artista internacional a um físico agradável e a uns olhos admiráveis. Mas deve-o, principalmente, ao seu talento dramático e ao seu profundo conhecimento da profissão que escolheu. Aliás, é uma das raras artistas cinematográficas que conhece — e que não recebe — a arte difícil de «envelhecer». Presentemente pode interpretar os papéis para que foi feita e que durante muito tempo a sua juventude lhe proibiu: os papéis graves, complexos e difíceis, que tão bem quadram ao seu temperamento dramático.

Entre nós vimos-la em alguns dos seus melhores filmes, como «O Terceiro Homem», «Arsène Lupin» e «O Caso Paradine».

No próximo número, «Foguetao» contará a história de

SHIRLEY MAC LAINE

## Joe Tormenta em

## O RAPTO DA CIENTISTA



ANTES DE COMPRAR, PRECISO DE EXAMINAR O OBJECTO! QUERO VER MARÇ!



NÃO, CAPITÃO! CONHEÇO OS SEUS MÉTODOS! NÃO ME ILUDIRA!



NÃO ACREDITO QUE VOCÊ A TENHA APRISIONADO, BARRACUDA!



NESSA CASO, OBSERVEM O MEU BARCO ESTA MADRUGADA!



ASSIM FAREMOS! MAS CUIDADO, BARRACUDA!



PROVAVELMENTE, MOSTRAR-NOS-ÃO MARÇ!



O PIRATA DISSE-NOS PARA OBSERVARMOS O BARCO! QUE SE IRÁ PASSAR?



A TRIPULAÇÃO DO HELICÓPTERO, DE FORMA A NÃO SER VISTO DO JUNCO.



E O EQUIPAMENTO QUE TROUXE, TAMBÉM VAI?



É ARRISCADO CONDUZIR ESTE "MOSQUITO", CAPITÃO!



BEM SEI, RUIVO! POR ISSO VOU SOZINHO!



O QUÊ? VAI PILOTAR ESTA ENGENHOÇA?



QUE BICHO É AQUELE?



PARACE UM HELICÓPTERO!



COMANDANTE! NÃO SERÁ MAIS FACIL PAGAR-SE O RESGATE!



# AS LIÇÕES DE JOSÉ ÁGUAS

## 7—HOJE: «SERMÃO» COM CANELEIRAS... (E UM POUCO DE HISTÓRIA)

A minha lição de hoje vai ter um aspecto algo diferente do habitual, o que se me afigura uma boa ideia, para variar e tornar despretensiosas estas linhas pouco submissas a sistemas rígidos, que podem cansar os «alunos».

Hoje, portanto, vou falar-lhes... da história do futebol.

Muitos serão de opinião que este assunto deveria ter sido o primeiro, digamos, a lição inaugural. Não penso do mesmo modo: entendo que o ambiente deve ser de mera conversa amigável. Como tal, não haverá ordem de temas. Fala-se nos assuntos que, em conversa, surgem, fazendo de cada lição um pedaço independente da anterior e da que se seguirá. De acordo?

Pois bem, quanto ao futebol, de que os ingleses se dizem iniciadores, o certo é que as suas origens se perdem na noite dos tempos. No século XII, de facto, em Inglaterra praticava-se, nos dias de festa, um jogo muito violento, por sinal, com características muito semelhantes ao futebol actual, no que respeita a ser praticado com os pés...

Era ilimitado o número de jogadores, bem como a distância entre as balizas.

Jogava-se nas ruas, nas praças públicas, em qualquer lugar livre. De semelhante com o de hoje — o futebol que a miudagem joga nas ruas — também a perseguição das autoridades, que consideravam essa prática como «perigosa para a vida dos membros e da propriedade»...

O jogador que possuía a bola estava, de facto, sujeito a toda a espécie de cargas violentas e brutais, até ficar sem ela. O certo é que esse desporto foi-se popularizando e, no século XIII, já se praticava também na Escócia e, mais tarde, em França. Todavia, o futebol foi perdendo a sua popularidade e, nos princípios do século XVII, entrava em declínio, se bem que os cronistas desse tempo se refiram, nos seus escritos, a animadíssimas partidas, que se disputavam, anualmente, na 3.ª-Feira Gorda, como tradição festiva.

No século passado, porém, o futebol «ressuscitou», decisivamente. Passou a ser praticado nas escolas, moralizado e regulado por regras que, com o decorrer dos tempos, foram moldando a fisionomia do actual futebol. Em 1850 já o «foot-ball» ganhara certa popularidade em toda a Grã-Bretanha, caminhando para a maioridade que hoje conhece. Aos poucos, este desporto mágico foi-se espalhando pela Europa, mais tarde, atravessou o Atlântico e, na

América do Sul, em especial, criou raízes e ganhou um desenvolvimento tal, que, hoje em dia, os jogadores sul-americanos são considerados os melhores do mundo.

Enfim, dei-lhes uma versão do que teria sido uma das origens do futebol. Outras há, atribuindo, inclusivamente, a sua paternidade a indígenas centro-americanos, que há centenas de anos, tinham um jogo parente remoto do actual, jogado com os pés descalços(?) e em que a bola(?) era uma caveira...

O futebol, desporto das grandes multidões, atingiu já uma projeção tal, que muitos governantes, de muitos países, encararam conscientemente a sua utilidade como método de propagação de extensos recursos... Necessário se torna, porém, que, antes de tudo o mais, se dê a maior atenção à preparação dos jovens praticantes, de molde a ministrar-lhes, juntamente com a aprendizagem dos segredos da modalidade, as mais completas noções de civismo, respeito mútuo e boas normas de conduta, dentro e fora dos terrenos de jogo. Assim se compreenderá toda a importância de uma educação desportiva sistemática, tendo por veículo o aliciente jogo que é o futebol, não só sob o ponto de vista da eficiência com que o jogo em si pode ser praticado, como também no aspecto do interesse

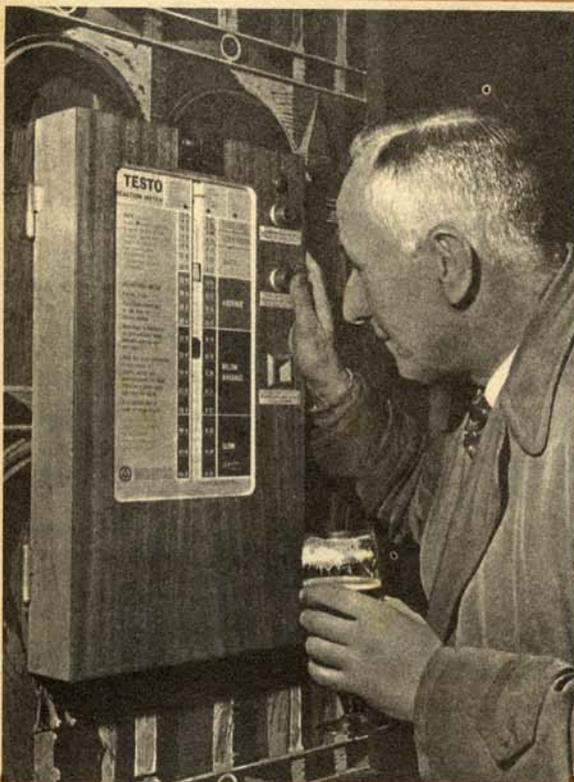


e da satisfação que ele proporcionará aqueles que o praticarem dentro das melhores normas.

Bem, peço-lhes que me perdoem ter derivado hoje para um campo que não será, talvez do maior agrado. Muitos de vocês terão mesmo pensado: «Ora! Nós queremos é aprender a jogar futebol. Vai pregar moral para outra

freguesia!». Mas tenham paciência, porque lhes asseguro que a sã mentalidade desportiva muito os ajudará a serem também bons futebolistas. Não se é bom jogador, evidentemente, apenas porque se tem uma mente bem formada, mas garanto-lhes que, sem isso, também nunca se será um VERDADEIRO DESPORTISTA.

## AS MÁQUINAS QUE VELAM PELA SEGURANÇA DOS AUTOMOBILISTAS



Um estranho aparelho surgiu nos pubs (versão inglesa das nossas estalagens) situados ao longo das estradas da Grã Bretanha.

Os donos daquelas casas de bebidas não querem de modo algum que lhes seja imputada a responsabilidade nos acidentes de viação provocados pelo abuso de bebidas alcoólicas. Deste modo, não só fazem o possível para que os seus clientes bebam com moderação, como põem à disposição deles um meio de averiguarem se já foram ou não além da «conta».

O automobilista, que tem dúvidas sobre se está ou não em condições de seguir viagem, procede da seguinte forma: introduz uma moeda na ranhura do aparelho. No interior deste, a moeda cai vertiginosamente e, de súbito, ouve-se um toque de campainha. Neste instante preciso, o condutor deve, o mais rapidamente possível, premir um botão. Se o álcool ingerido lhe retardar as reacções, não con-

servirá recuperar o dinheiro; caso contrário, a moeda introduzida voltará à sua posse...

Esta máquina é já muito popular na Suécia, onde foi acolhida com entusiasmo pelo Automóvel Clube que espera, deste modo, ver diminuídos os acidentes.

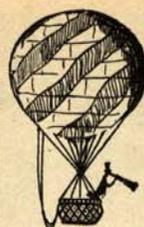
As vezes, porém, a luta contra o alcoolismo toma feições inesperadas: uma máquina embriaga-sel Este é um dos resultados do aperfeiçoamento da técnica dos automáticos. Um construtor austríaco, o doutor Peter Scheffer, acaba de fabricar um robot que se embebda. Deite-se vinho num orifício e veremos depois o autómato dar sinais de embriaguês. É que o álcool, com efeito, anulou todas as reacções do seu «cérebro», tornando-o «inconsciente». Este aparelho mostra, por meio de luzes, o mecanismo da embriaguês, e tem por objecto desanimar os possíveis candidatos a «utilizados»...

## Asterix O GUERREIRO GAULÉS



Em breve: Colaboração dos leitores!  
Serão pagos os melhores desenhos, os melhores artigos e as melhores fotografias!

# CLUBE DO MISTÉRIO



## VOLTA AO MUNDO POLICIAL

INGLATERRA

### AUTO-STOP DE REGRESSO

William Hamer havia feito já alguns quilómetros pela estrada de Lancaster (Inglaterra), e sentia-se cansado. Fez sinal a vários carros, mas ninguém parava. Viu por fim com certo prazer que um se propunha parar. Mas esse prazer pouco durou. Apenas se tinha deixado cair pesadamente sobre o banco, quando o veículo deu meia volta para regressar. Era o carro do director da prisão, de onde William se tinha escapado horas antes...

GRÉCIA

### FOGO AOS CHEQUES...

Dois ladrões assaltaram um estabelecimento comercial e deitaram fogo a todos os cheques que encontraram sugerindo, numa nota que deixaram, que para a próxima vez esperavam encontrar algum dinheiro.

## TEM MEMÓRIA DE POLÍCIA?

### MEMÓRIA VISUAL

ALEMANHA

### O CÃO VELAVA POR ELE

Nunca se falará bastante da fidelidade e abnegação dos cães. Aí vai uma nova prova desse facto, ocorrida em Dusseldorf (Alemanha).

O senhor Hugo Fleiss saiu de casa para ir celebrar o seu casamento. Ainda a cerimónia não tinha começado, quando entrou o seu cão, que começou às dentadas à noiva e às testemunhas. Depois, aproximou-se do dono para lhe lambem meigamente as mãos, querendo fazer-lhe ver que velava pela sua futura felicidade e pela paz em que ambos tinham vivido até então.

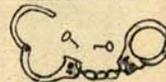
O senhor Fleiss não percebeu as intenções do cão e casou-se. Deus permita que o cão se tenha enganado!

### CÃES POLÍCIAS



A polícia dinamarquesa possui o mais moderno equipamento de todas as polícias do mundo. Os seus cães levam um aparelho receptor preso no lombo e são, assim, dirigidos pela rádio. É também pela rádio que se guem a voz do dono.

### ALGEMADO



Um homem de 38 anos, natural de Filadélfia, encontrou um par de algemas no quarto que alugara há pouco tempo e não resistiu à tentação de experimentá-las.

Estavam-lhe tão boas que não conseguiu tirá-las e decidiu ir à esquadra mais próxima pedir auxílio. Enquanto um polícia o libertava das algemas, outro fazia uma investigação.

Resultado: O homem era procurado por causa de uma multa de 25 dólares que deixara de pagar há seis anos e que foi obrigado a liquidar na altura, para recuperar a liberdade...

### «CLIENTES» FORA DE HORAS

Um cabeleireiro, ao passar pelo seu estabelecimento, depois de ter assistido a um espectáculo de teatro, encontrou aberta a porta da loja.

Uns visitantes nocturnos tinham-se apoderado do dinheiro da caixa. Além disso, pentearam-se e serviram-se dos cosméticos existentes.

Supõe-se que estes clientes serão rapidamente presos, pois perfumaram-se imenso e a Polícia tem bom «olfacto»...



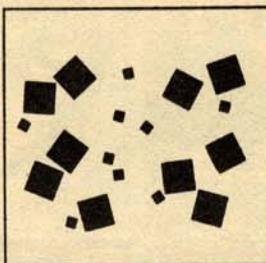
Sabe-se que um polícia necessita, na sua profissão, de uma memória privilegiada para poder reconhecer um criminoso, para ligar dois factos, aparentemente desconexos, do mesmo caso, para se aperceber dum pormenor ou pista negligenciada e recordá-la mais tarde.

Com o teste que apresentamos neste número tem o leitor oportunidade de verificar se a sua memória é ou não digna de ser considerada «memória de polícia».

### OBSERVE A GRAVURA CUIDADOSAMENTE DURANTE DOIS MINUTOS E DEPOIS RESPONDA ÀS PERGUNTAS QUE PUBLICAMOS INVERTIDAS

- 1 — Qual é o número do preso?
- 2 — O guarda do prisão, que se vê do preso?
- 3 — O que é que o médico tem no bolso atrás da janela, caminho da esquerda?
- 4 — Quantos botões tem o fardamento do preso?
- 5 — O guarda que está dentro do bolso está armado ou não?
- 6 — O médico tem bigode ou não?

6 ou 5 respostas certas ..... Memória de bom polícia  
4 ou 3 respostas certas ..... Memória de polícia regular  
Menos de 3 respostas certas ..... Para polícia não serve!



Chama-se memória à faculdade de conservar e reproduzir os conhecimentos anteriormente adquiridos.

Aqui está um exercício de memória visual para os «sócios» do nosso «Clube do Mistério» poderem verificar até que ponto a sua memória conserva e reproduz aquilo sobre que fixaram a atenção.

Temos aqui uma série de pequenos e de grandes quadrados.

Observem-nos com a maior atenção durante sessenta segundos e depois, tapando a gravura, respondam-nos:

1. Quantos quadrados pequenos encontraram?
2. Quantos grandes?
3. No canto superior direito, estão dois quadrados grandes e um pequeno, ou dois pequenos e um grande?

Marcando um ponto por cada resposta certa, considere-se o resultado:

Excepcional com 3 pontos  
Bom com 2  
Fracó só com 1

## ENIGMA N.º 7

# O ASSASSINO DORMIA



Uma reportagem conduziu-me esta semana a Roterdão, na Holanda.

Eram 11 horas da noite e estava dormindo no meu quarto do hotel, quando de repente fui acordado por um gemido que parecia partir do quarto ao lado, o n.º 86.

Erguendo-me no leito, pus-me à escuta. Houve um segundo gemido e, depois, mais nada.

De um pulo salttei para o chão e precipitei-me para o corredor. A porta do 86 não estava fechada à chave. Abri e entrei prudentemente no compartimento.

Nesse momento alguém empurrou bruscamente a porta e uma sombra se atirou sobre mim. Duas mãos tentaram estrangulá-me. Apanhado de surpresa, deslizei para o chão, meio atabalado, tentando desesperadamente libertar-me do meu agressor. Pouco a pouco a perdendo a consciência... Sentia que a abandonar a luta, que a sucumbir.

O meu adversário era de uma força extraordinária. Eu sentia o pescoço literalmente esmagado pelas suas poderosas mãos. Por fim, com a energia do

desespero, conseguia agarrar o braço do homem e aplicar-lhe um golpe de judo. Deu um grito de dor e largou-me imediatamente. Depois, calculando que o seu grito teria despertado todo o hotel, correu para a porta. Embora combalido, tentei persegui-lo. Mas ele voltou-se e pôs-me «knock-out». Vi uma silhueta desaparecer por outra porta. Foi a minha última visão antes de desmaiar.

Meia hora mais tarde, a Polícia, na pessoa do comissário Van Gelder, começou as investigações. No quarto 86 foi descoberto — estrangulado — um negociante de diamantes chamado Robyns. As pedras preciosas que transportava tinham desaparecido. O desconhecido que tentara matar-me era decerto o autor do crime e do roubo...

Eu não podia descrever o meu agressor, que apenas viria numa semi-obscuridade. Mas ninguém saíra do hotel. Portanto, o culpado ou era um cliente ou fazia parte do pessoal. Acom-

panhei o comissário, que estava visitando os quartos próximos do 86. Quando batemos à porta do 88, deram a abrir. Apareceu-nos um homem forte, de pijama, que reteve um bocejo.

— Que é? Acordaram-me...  
— Policia! — disse Van Gelder — Como se chama?  
— Sérgio Wolf.

Entrámos no quarto e o comissário perguntou:

— Não ouviu nada?  
— Nada! Há quase vinte horas que estou a dormir. Tomei um suporífero. (E mostrou-nos um copo em cima da mesa de cabeceira). Podem perguntar ao criado. Foi ele quem me trouxe. Tomei-o assim que ele me deu e adormeci imediatamente...

O homem era desagradável, sorria com ar manhoso. No entanto, o criado do andar confirmou as suas declarações. — É verdade. Eram 8 horas menos 5 quando trouxe o remédio a esse senhor, estava ele na casa de banho. Aproveitei então para abrir a cama, despejar os cinzeiros e correr as cortinadas... Wolf sorria sempre, Irónico.

— Estão convencidos, senhores! Posso tornar a deitar-me! É que amanhã tenho de me levantar muito cedo.

O seu olhar acerado examinava-me. E, bruscamente, tive a intuição de que me encontrava em presença do meu agressor. Era impossível prová-lo, evidentemente, mas o instinto dizia-me que não me enganava.

Indeciso, Van Gelder voltou-se para mim.

— Bom! Vamos continuar as nossas pesquisas noutro lado...

— Espere! — respondi friamente. — Estou persuadido de que o culpado se encontra neste quarto...

O homem gordo lançou-me um olhar de ódio.

— Ora aí está uma acusação gratuita que vai custar-lhe cara, meu rapaz! — respondeu. — Vou apresentar queixa contra o senhor por difamação. Mas antes...

E ergueu o punho para me agredir. Mas eu esquivei-me, ao mesmo tempo que lhe batia no braço com força. O homem soltou um grito de dor. E então todas as minhas dúvidas se dissiparam: era aquele o meu agressor... o assassino. Ao mesmo tempo, descobria o pormenor que provava formalmente a sua culpabilidade.

— Ponha-lhe as algemas, comissário. É ele o assassino. Mentiu ao pretender que estava a dormir desde as oito horas...

— Tem a certeza?  
— Absoluta! Olhe à sua volta. A prova está neste quarto...

Leitor, o desafio está lançado. Qual foi o indício que acusou Sérgio Wolf?



Mais uma vez lembramos aos jovens detectives que, para a solução de um problema policial, tudo, mesmo tudo tem valor, desde o mais simples pormenor das particularidades do desenho, datas, nomes de localidades, etc. Olhos bem abertos, hem?

### APRENDA RADIO TELEVISÃO

PELO NOSSO CURSO TÉCNICO PRÁTICO POR CORRESPONDÊNCIA ECONOMIZANTE E EM POUCO TEMPO

TODO O MATERIAL QUE AQUI MOSTRAMOS SER-LEI-A ENTREGADO

PEÇA O FOLHETO GRÁTIS E ILUSTRADO ANTES ARTISA ESCOLA DO GÊNERO NO PAÍS E SEMPRE ESTE LEGALÍSSIMO

### RADIO ESCOLA

Director  
Álvoro Torrão  
Apartado 81-N  
R. Fernão Lopes, 8 - LISBOA  
Telef. 43136

### A CHAVE DO MISTÉRIO

(Solução do n.º anterior)

Foi o jornal que pôs o detective no caminho da solução do enigma. Por outro lado, o interstício por baixo da porta era suficientemente grande para poder dar passagem ao jornal ou a uma chave.

Cláudio fez deslizar o jornal dobrado por baixo da entrada, de forma a que grande parte dele ficasse do lado de fora. Depois, com a ajuda do lápis, empurrou a chave pelo buraco da fechadura. E a chave caiu no chão. Cláudio puxou então para si o jornal e a chave e saiu do quarto, fechando de novo a porta pelo exterior.

Já sabemos como voltou a entrar.



sem dela tão bem como o conhecido escritor...

Com o fim de colher ideias e assuntos para os seus livros, Wallace travava relações com um patifário chamado Dick, que nas horas vagas das suas proezas era também receptor. Esta última actividade permitia-lhe adquirir por baixo preço um par de sumptuosos repositores roubados num palácio. Dias depois, sabendo que a Polícia procurava os repositores e receoso de que fossem descobertos em seu poder, resolveu desembaraçar-se deles fosse como fosse. Dirigiu-se então a casa do escritor e, depois de lhe ter contado a história plausível de uma herança, ofereceu-lhos.

Wallace ficou muito comovido com a oferta mas, poucos dias depois, zangou-se com Dick e devolveu-lha. Calculou-se a atrapalhado do homem, que continuava à mercê de uma busca. Aterrorizado, foi imediatamente procurar o seu bom amigo, desfez-se em desculpas e suplicou-lhe que tornasse a aceitar a herança. Parece que só anos mais tarde Edgard Wallace soube a verdade acerca do caso. Mas, como já havia decorrido muito tempo, calculou que os donos dos repositores já se tinham habituado a passar sem eles...

**SHERLOCK HOLMES EXISTIU... MAS ERA MÉDICO!**

outros. Um autor hábil deve conseguir — qualquer que seja o seu género — enganar-nos acerca das suas intenções, para que a surpresa seja maior. É assim que os desenlaces erróneos que nós tínhamos imaginado, podem lançar outros autores no caminho de um novo romance.

Há também outro método, o que consiste em o autor se inspirar em casos reais. É o que fazem muitos escritores, como, por exemplo, Georges Simenon. Muitas das suas ideias encontraram-se ele ao ler os jornais. No entanto, se é bom procurar inspiração na realidade, não é de recomendar decalá-la traço por traço, pois pode acontecer que outros autores tenham ido beber na mesma fonte... Isso sucedeu não há muitos anos com um romance

de Conan Doyle, o que aconteceu em 1902, quando ele estava a escrever o seu livro "O Homem de Cor-de-Rosa".

Assim, um dia, enquanto dava consulta num dispensário, Bell disse ao seu aluno, indicando um doente que acabava de entrar: — Vem aquele homem? É sargento, foi licenciado há pouco tempo e deve ter estado a prestar serviço nas Antilhas.

E, como os rapazes se admirassem de que ele pudesse dizer tanto, de um doente que via pela primeira vez, explicou: — Reparem: aquele homem espera delicadamente a sua vez, não tem nada de um insolente. No entanto, entrou aqui sem tirar

## QUEREM LER UM BOM ROMANCE POLICIAL?

...escrevam-no!

alguns escritores do género confessam que grande número de boas ideias lhes ocorreram... lendo os romances dos seus colegas. Não vão agora julgar que se trata de plágio: é simplesmente a utilização prática de um pequeno jogo de instinto a que se abandona a maior parte dos leitores. Quando se chega ao ponto onde todas as personagens do romance estão nos seus lugares, onde os factos se encaixam perfeitamente, nós, leitores, perguntamos, naturalmente, como vai tudo aquilo acabar. Começamos então a fazer suposições quanto à forma por que o autor concluirá o destino dos seus heróis, depois de assim os ter oposto uns aos

outros. Um autor hábil deve conseguir — qualquer que seja o seu género — enganar-nos acerca das suas intenções, para que a surpresa seja maior. É assim que os desenlaces erróneos que nós tínhamos imaginado, podem lançar outros autores no caminho de um novo romance.

o chapéu... como fazem os militares. Ora se o homem ainda não retomou os hábitos da vida civil, é porque foi licenciado há pouco tempo. Pelo seu ar de autoridade vê-se que deve ter o hábito de mandar. Mas, por outro lado, se fosse oficial de carreira não viria a uma consulta gratuita do dispensário. Finalmente, o estado das suas pernas — inchadas como se vê — mostra-nos que o doente foi atingido de uma doença peculiar às Antilhas.

(Continua na página 8)

Para escrever bons romances policiais — sim, porque decerto não estão interessados em escrevê-los... mas — é preciso, antes de mais nada, que apreciem realmente o género. O nome daqueles que vêm simplesmente nisso mais uma forma de ganhar dinheiro, acaba por desaparecer para sempre das montras das livrarias. Seria a mesma coisa que dedicar-se a uma pessoa ao jazz ou à alta costura sem ter por essas ocupações o menor gosto.

Embora lhes pareça esquisito,



**PADRE BARTOLOMEU DE GUSMÃO** — Foi o primeiro homem a construir um aeróstato que se elevou livremente na atmosfera, facto até então inédito nos anais da Humanidade. A sua ascensão na «Passarola» realizou-se em Lisboa, a 8 de Julho de 1709.



**BLANCHARD (1753-1809)** — Um dos primeiros construtores de aeróstatos e inventor do pára-quadras. Fulminado por uma apoplexia, a bordo do seu balão, caiu e morreu perto de Haia. Seguindo-lhe o exemplo, sua mulher foi a primeira aeronauta do sexo feminino.

## A Primeira Travessia Aérea da Mancha

1783 — Perante os seus contemporâneos, estupefactos, os irmãos Montgolfier fizeram voar balões cheios de ar quente. Em breve tinham imitadores, entre eles o físico Charles, que foi o primeiro a utilizar o hidrogénio para encher um balão. Outros audaciosos — Pilâtre de Rozier, d'Arlande, Blanchard, ousaram confiar-se aos frágeis aparelhos. A conquista do céu começou, e a Mancha em breve seria atravessada.



**O AERÓSTATO DE BLANCHARD** — Este balão era cheio com gás, e a sua barquinha munida de uma espécie de remos e de asas, com as quais o aeronauta pretendia poder dirigi-lo. De facto, a 4 de Março de 1784, tentara ir de Champ de Mars à la Villette, para o Norte, mas o vento arrastara-o para Oeste, fazendo-o cair sobre Billancourt. Todo Paris troçara dele. E Blanchard tentou vingá-lo de forma estrondosa.



**PILÂTRE DE ROZIER** — Foi um dos primeiros homens no mundo a subir em balão. Fé-lo a 21 de Novembro de 1783, em Paris, perante uma multidão de 40.000 pessoas. Para obter do ministro Calonne autorização de tentar aquilo que era considerado como uma loucura, teve que ameaçar suicidar-se.

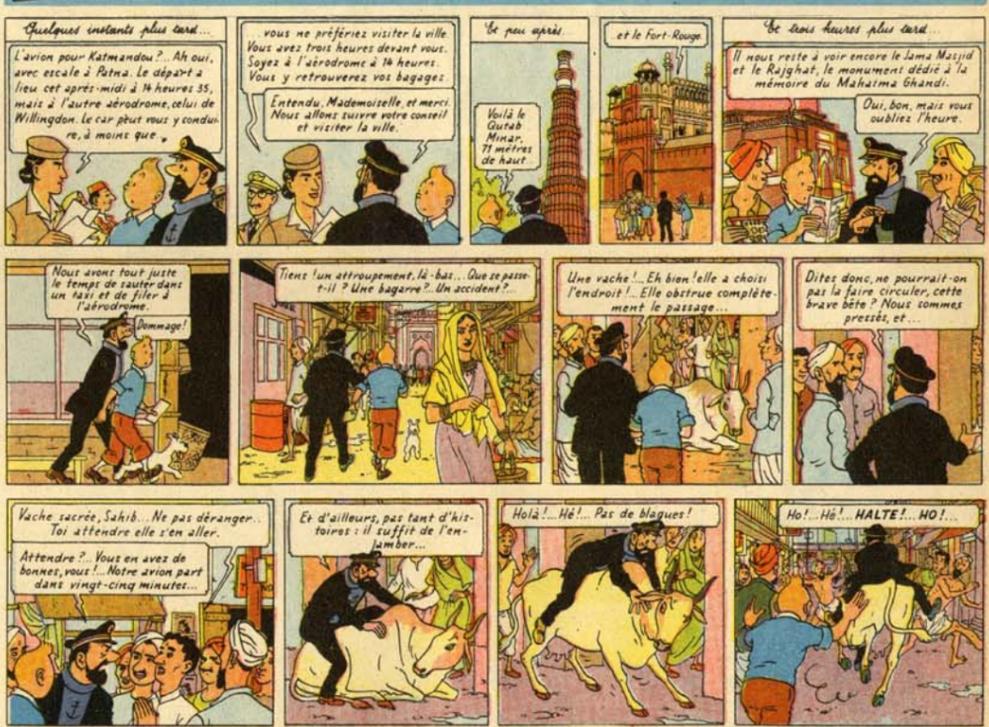


Uma coluna na floresta de Guines comemora a aterragem dos dois pioneiros: Blanchard e Jeffries.

Leia na página 8 a odisséia dos primeiros homens que tentaram atravessar a Mancha em balão

Este monumento comemora a tragédia que custou a vida a Pilâtre de Rozier e a Romain.

# Tintin au Tibet



Alguns instantes depois... O avião para Katmandou?... Ah! Sim, com escala em Patna. A partida é logo à tarde, às 14,35 horas, mas no outro aeródromo, o de Willingdon. O carro pode levá-los lá, a não ser que... prefiram visitar a cidade. Têm ainda três horas à vossa frente. Estejam no aeródromo às 14 horas. Lá encontrarão os bagagens. Compreendo, menina, e obrigado. Vamos seguir o seu conselho e visitar a cidade. Dai a pouco... Eis o Qutab Minar, 71 metros de altura... e o Forte Vermelho. E três horas mais tarde... Faltam-nos ainda ver o Jama Masjid e o Rajghat, o monumento dedicado à memória do Mahatma Gandhi. Sim, bom, mas esquece-se das horas. Temos precisamente o tempo para saltar para um taxi e correr ao aeródromo. Que pena! Olhe! Um ajuntamento, ali... Que se passou? Uma desastrosa... Uma vocal... Escolha bem o sítio... Impede completamente a passagem... Olhem lá, não se podia fazer circular o bom do bicho?... Estamos com pressa e... Vaca sagrada, Sahib... Não incomodar... Tu esperar e ela ir-se embora... Esperar?... Vocês têm-nos boas! O nosso avião parte dentro de vinte e cinco minutos... E, aliás, para quê tantas histórias? Basta montá-la... Old!... Eh!... Nada de graças! Oh!... Eh!... Alto!... Oh!...

## DE ONDE VEM A EXPRESSÃO CV?

A fórmula CV = cavalo-vapor, empregada em técnica para designar o rendimento, foi lançada em fins do século XVIII por James Watt, engenheiro inglês. A força necessária para erguer um peso de 75 quilos, num segundo, a um metro de altura, corresponde a um CV. Para saber esta verificação, Watt serviu-se de cavalos de tração, vigorosos, bem alimentados e fagueiros. O resultado obtido então foi demasiado elevado; um cavalo em tais condições normais apenas desenvolve a força que vai de 1/2 a 3/4 de CV.



## A ARMADILHA DIABOLICA



**NA ÁGUA DO MAR NADA-SE MELHOR...**

Assim nos fez notar um dos nossos amigos que, habituado a nadar como um golfinho nas águas do mar, ficou intrigado ao verificar a dificuldade com que avançava na piscina. Claro que isto tem uma razão.

Um corpo capaz de nadar mergulha num líquido até que o peso desse líquido deslocado seja igual ao do seu próprio corpo. Esta lei física — é possível que o saibam — foi descoberta por Arquimedes, que viveu três séculos antes de Cristo. Ora da aplicação de tal lei resulta que um corpo mergulhado num líquido denso mergulha menos fundo do que num líquido leve. A uma profundidade menor, deslocará assim um volume de líquido igual ao seu peso, volume que, naturalmente, será menor do que em água doce.

Mas porque é a água do mar mais densa do que a água doce? — poder-se-á ainda perguntar.

Por causa da grande quantidade de sal que tem em suspensão. E assim, não mergulhando demasiado na água, o nadador pode nadar com mais facilidade. Ai tem a explicação, caro amigo!

**OS PEIXES CONTRIBUÍRAM PARA A REALIZAÇÃO DO CANAL DO PANAMÁ**

É verdade! As primeiras tentativas para a construção do Canal do Panamá falharam, por causa dos inúmeros mosquitos que infestavam a região, causando nos operários e engenheiros fortes ataques de paludismo.

Para remediar tal estado de coisas, foram transportados para as águas do futuro canal milhares de pequenos peixes semelhantes às carpas, cujo alimento preferido são as larvas do mosquito. Remédio santo! Em pouco tempo a região ficou livre dos mosquitos e, naturalmente, das febres. E a construção do Canal do Panamá — com 81 quilómetros de extensão — pôde prosseguir. Assim ficaram reunidos os oceanos Atlântico e Pacífico e assim se reduziu de muitos milhares de quilómetros a distância que separa o continente europeu da parte ocidental do continente americano.





**BORBA**

Ir ao Alentejo em pleno Verão? — protestam alguns dos nossos leitores. É o mesmo que entrar num forno!

Enganam-se! Borba está situada num delicioso, ameno e fértil vale, motivo porque as suas temperaturas nunca são muito exageradas. Se até lhe chamam a Sintra do Alentejo!

Antiquíssima, esta linda vila! A sua fundação é atribuída aos galo-celtas 974 anos antes de Cristo, segundo alguns historiadores, 306 anos antes de Cristo, segundo outros. Em 1217 o nosso primeiro rei tomou-a aos mouros e mandou-a povoar. Depois, mais tarde, D. Dinis edificou o castelo, hoje completamente arruinado. D. Dinis? Ora aí é que há dúvidas, pois há quem diga que o velho castelo foi obra dos Templários que aqui tiveram um convento e que D. Dinis apenas o reparou. Onde está a verdade? Segredos que só o Tempo sabe...

Talvez fiquem intrigados ao observar o brasão da vila, onde figuram dois peixes, permeanr insólito, visto tratar-se de uma povoação afastada do mar. Mas a lenda conta-nos que, em épocas remotas, numa fonte que está dentro do castelo, apareceram dois barbos, saborosos peixes de água doce. Como ninguém sabia como os barbos ali tinham ido parar, a coisa foi falada, e tal ponto que os dois peixes passaram a figurar no brasão da vila, onde também vemos um castelo a vermelho e duas siveiras (árvores) a verde.

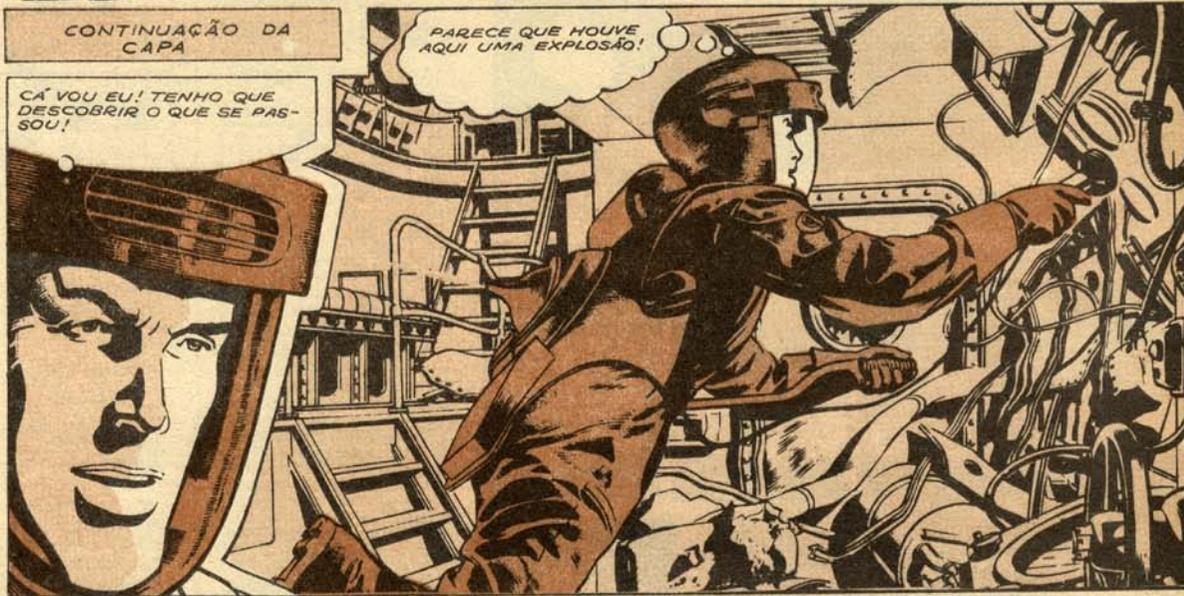
Se gostam de andar a pé, venham daí até à igreja da Senhora da Luz, que fica a pouca distância da vila e em cujo sítio se deu a grande batalha de Montes Claros. Não! Não! Não lhes vamos dar uma lição de História. Temos a certeza de que todos sabem o que aí se passou em Junho de 1665, quando o marquês de Marialva derrotou com os seus soldados as tropas do marquês de Caracena, valente general espanhol. Mas o que lá vai, lá vai!

Hoje, Borba vive em paz e é uma vila progressiva onde, a par de velhos templos e monumentos, há bons edifícios e bonitas vivendas, um teatro, fábricas e lagoas de azeite.

Mas... são horas de almoço. E se fôssemos a um belo ensopado de borrego? Valeu?



# O PLANETA DESCONHECIDO



Entretanto, Pilâtre de Rozier preparava também, havia mais de um ano, a travessia da Mancha, lutando em velocidade com Blanchard, para lhe arrancar a vitória. Associado com os dois irmãos Romain, de Bolonha, tinha mandado construir em Paris, nas Tulherias, um balão que o público pôde admirar, pagando a entrada.



Pilâtre conseguira obter subsídios do Estado mas, retardado por numerosos contratemplos, só a 21 de Dezembro de 1784 pôde enviar o seu balão para Boulogne-sur-Mer. Os bolonheses tomaram o balão à sua conta e diziam: — «É doirado como uma joia. Bem se vê que não foi ele quem o pagou...»



A pouca sorte perseguia o infeliz Pilâtre. Estava tudo pronto para a partida, quando um furacão quase destruiu o aerostato. O mau tempo durou sete semanas, sem interrupção. O ministro Calonne impacientava-se, e escrevia ao aeronauta: «Então? Gastámos cem mil libras só para vos oferecer uma estadia à beira-mar?...»



Mas pior ainda foi quando, a 7 de Janeiro de 1785, a notícia do retumbante êxito de Blanchard e Jeffries se espalhou como um rastilho de pólvora. Para cúmulo da infelicidade, o balão, guardado num celeiro de trigo, foi atacado pelos ratos e teve que ser reconstruído por várias vezes.



Para afugentar os ratos e proteger o balão, Pilâtre de Rozier teve que o pôr à guarda de um bando de gatos e de cães. Além disso, um grupo de homens tocava tambor, para espantar os roedores. Calonne perdeu a paciência. Privados do subsídio, Pilâtre e os irmãos Romain foram levados ao tribunal, por dívidas.



1785. Acossados pelos seus perseguidores, os infelizes aeronautas decidiram encher o balão, no qual se instalaram Pilâtre e um dos irmãos Romain. Um apaixonado dos aerostatos, o marquês de Maisongfort, ofereceu 200 luses para o deixarem embarcar. Pilâtre teve que o impedir pela força... salvando-lhe a vida.

(Continua na página 10)



OS ULTRA-SONS: CURA OU DESTRUIÇÃO

O som propaga-se por ondas e quanto maior for — por segundo — o número destas, mais elevado será o som. Mas o nosso ouvido só pode captar sons que tenham 20 000 oscilações. Os que vão além deste número, entram no domínio do ultra-sonoro e não podem ser recebidos pelo ouvido humano. Com as ondas ultra-sonoras é possível activar a circulação do sangue à superfície da pele e destruir assim as excrescências malignas que por vezes se formam nos tecidos.

Empregadas em forte dose, as ondas sonoras podem também destruir pequenos seres vivos. Essas ondas purificam o ar provocando a aglomeração de partículas de pó, que depois caem no solo. Com elas é possível perfurar a madeira. Em técnica, essas ondas são empregadas em controlar as diferentes peças fabricadas, a fim de assegurar que não apresentam no interior quaisquer fendas, pois é possível determinar essas fendas pelo eco que produzem.

Até mesmo os líquidos como a água e o azeite que em geral não se misturam podem, por este meio, ser misturados.

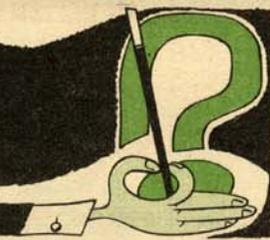
É claro que o emprego dos ultra-sons pode ser de grande utilidade. Mas pode também — toda a medalha tem o seu reverso, não? — apresentar muitos perigos, sempre que haja erro na sua aplicação.



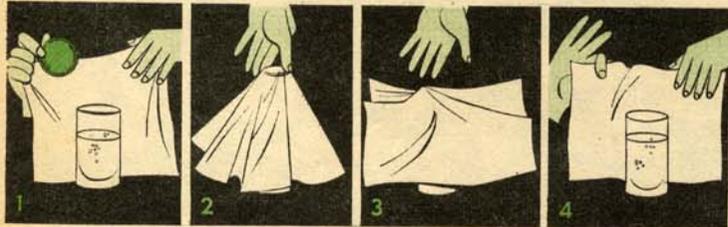
# Passatempos



## por artes mágicas



### A MOEDA QUE SE DERRETE



O dinheiro parece que se derrete... é uma frase que ouvimos muitas vezes, porque ele se gasta com facilidade.

Pois, desta vez, amigos, vamos ensinar-lhes mesmo a derreter dinheiro!

Para este truque, pedem emprestada a qualquer dos espectadores uma moeda que pode — se se quiser — ser marcada. Roga-se a outro espectador que empreste um lenço e cobre-se a moeda com o lenço (fig. 1).

tador a segurar a moeda e o lenço por cima de um copo cheio de água, de forma que este fique completamente tapado pelo lenço. Nessa ocasião, o espectador verifica que sente bem a moeda através do tecido (fig. 2).

Chegou então o momento do prestidigitador lhe pedir que deixe cair a moeda dentro de água, mantendo sempre o lenço na mesma posição. Ouve-se o ruído da moeda cair no copo. (fig. 3). Tira-se o lenço e... o público verifica, pasmado, que a moeda



desapareceu... derreteu-se... não está no fundo do copo! (fig. 4).

Completa-se o efeito do número deitando a água do copo para dentro de uma garrafa. E é da sua própria algibeira que o prestidigitador tira por fim a moeda!

Como foi? Muito facilmente. O artista deve possuir uma rodela de vidro do diâmetro exacto da moeda (ver o último Jesenho). É essa rodela que coloca no lenço e que, por consequência, o espectador segura na mão. Naturalmente, ao cair na água, o vidro torna-se invisível e adere mesmo ao fundo do copo quando se despeja o líquido para a garrafa.

Para perfeição de truque, é de desejar que o fundo do recipiente seja apenas ligeiramente maior do que o disco de vidro. E a iluminação será perfeita.

SÃO SÓ OS FRANCESES QUE NÃO SABEM GEOGRAFIA?...

O dito tem sido repetido centenas de vezes, com razão e sem ela. Mas, sejamos justos, há muito quem — sem ser francês — não traga a geografia na ponta da língua... mesmo aqueles — e é o caso dos nossos amigos estudantes — que deviam sabê-la de fio a pavio.

Protestam? Então provem que não temos razão. Aqui estão os nomes de dez cidades. Digam-nos a que países pertencem.

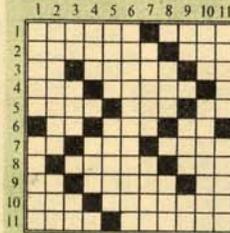
1 Almagro; 2 Bonfim; 3 Dolores; 4 Djeddah; 5 Ecija; 6 Free-town; 7 Hernoesand; 8 Leuze; 9 Campeche; 10 Joquiocarta.

#### SOLUÇÃO

1 Espanha; 2 Brasil; 3 Argentina; 4 Arábia; 5 Espanha; 6 Serra Leoa; 7 Suécia; 8 Bélgica; 9 México; 10 Indonésia.

### A PROCURA DE UMA PALAVRA

7



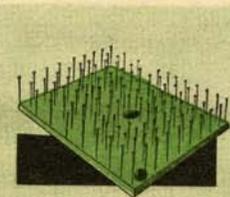
Horizontais: 1 — Insistir em; Verseja. 2 — Mandem; Ilha portuguesa do Atlântico. 3 — Nota musical; Portugueses; Zomba. 4 — Nome de letra; Fomentar. 5 — Contenda; Acrescentei; Crença. 6 — Popa; Artéria; Observei. 7 — Nesta terra; Sofrimento; Amuleto. 8 — Círculos; Bebida alcoólica. 9 — Catedral; Fitei; Letra grega. 10 — Regente; Tornar rosado. 11 — Trata; Adicionar.

Verticais: 1 — Beber; Habitações. 2 — Construir; Ave pernalta. 3 — Idem (abrev.). 4 — Feridinha; Aspecto. 5 — Carta-relatório dos sucessos dum ano, que os Jesuítas costumavam mandar ao seu provincial; ...X... 6 — Renovar; Dinheiro; Enxuto. 8 — Macaco da América tropical; Seguiam. 9 — Vogal (pl); Chegar; Rádio (simb. quim.). 10 — Oceano; Aparecer em cena. 11 — Teólogo entre os Árabes; Fruto.

#### Solução do número anterior

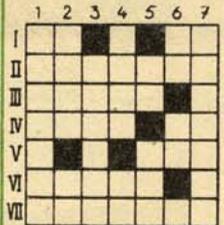


### A CAMA DO FAQUIR



Enganam-se! Não se trata da «fofa» cama de um faquir, mas de um jogo de paciência que vocês próprios podem construir e com o qual poderão à prova a vossa habilidade e a dos amigos. Arranjam uma tábua rectangular com 30x20 cm e abram-lhe ao centro um buraco circular.

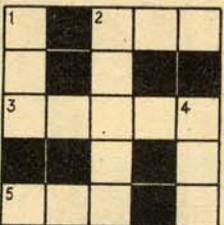
### MOTS CROISÉS



HORIZONTAIS:  
I — Metade do braço — Vogais  
II — Rumores  
III — Camelo dos Pirinéus  
IV — Ovo — Nota musical  
V — Seu  
VI — Ódio  
VII — Encetar

VERTICAIS:  
1 — Bolo de farinha, manteiga e ovos  
2 — Astúcia — Ano  
3 — Maldito  
4 — Servo — Termo infantil  
5 — Artigo partitivo (ao contrário) — Filho de Noé  
6 — Ou — Letra grega  
7 — Descarregar um golpe

### CROSSWORDS



HORIZONTAIS:  
2 — GATO  
3 — LUVA  
5 — CANETA

VERTICAIS:  
1 — ACHA, CEPO  
2 — PALHAÇO  
4 — OVO

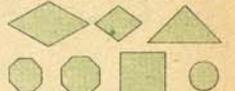


A tábua será depois coberta de alfinetes fortes ou pregos — de preferência, pregos — em linhas rectas e a igual distância uns dos outros. Procurem uma pequena bola que caiba pela abertura do centro e, depois de a terem colocado na beira da tábua, entretenham-se a fazê-la rolar por entre as fileiras dos pregos até passar pelo buraco. Duas coisas são precisas para o conseguir: paciência e mão firme.

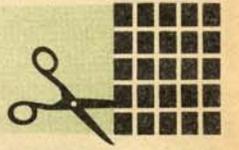


por HENRIQUE MANTERO

Há selos em vários formatos:



sem denteado, como nos nossos primeiros selos de D. Maria até D. Luís, que se cortavam à tesoura;



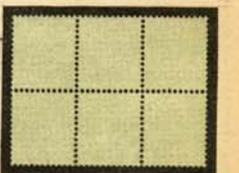
denteados em linha, com pontos, como nos selos argentinos de 1864,

com traços, como nos selos de Turn e Taxis de 1865,

em curvas, como nos selos de Brunswick de 1856,

em curvas longas, como nos selos da Finlândia de 1860,

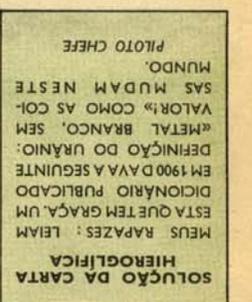
e denteados, de pente, como na maioria dos selos de todos os países.



#### NOVIDADES



Nova Zelândia.



MUNDO. PILOTO CHEFE. SAS MUDAM NESTE VALORA» COMO AS COL. «METAL BRANCO, SEM DEFINIÇÃO DO URÂNIO. EM 1900 DAVA A SEQUENTE DICIONÁRIO PUBLICADO MEUS RAFAZES: LEIAM HIROGLIFICA SOLUÇÃO DA CARTA

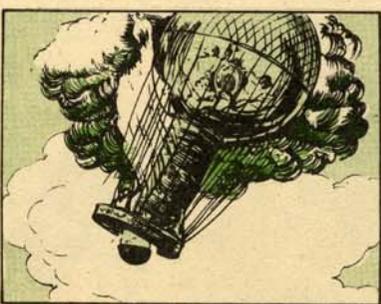
### SÓ PARA VOCÊS (CONFIDENCIAL)

Word puzzle with various words and symbols: MeUU, ZZ, le, EETA, 100, public, em MCM, a, guim, fini, CIDADE CALDEIA, ânio, PRETO, 100, VENHA, lor!, m, n, E, S, m1, π, CHF

## A PRIMEIRA TRAVESSIA DA MANCHA



«Não queremos expor a vida de ninguém! Não estamos seguros, nem do invólucro, nem da barquinha» — disse Pilâtre. No entanto, a descida eflugiu-se normalmente. E o aerostato elevou-se até 400 metros. Mas os ventos eram contrários. Esperando encontrar mais acima correntes favoráveis, Pilâtre atitou o fogo.



E, de repente, o invólucro cheio de hidrogénio rasgou-se, caiu sobre o balão e inflamou-se. O aparelho rodou três vezes sobre si próprio. Depois... foi a queda vertiginosa para o solo. O engenho foi esmagar-se perto de Wimeroux. Eram 7 horas e 45. Trânsidos de horror, os espectadores precipitaram-se.



Demasiado tarde! Quando chegaram junto dos destroços do aparelho, Pilâtre jazia morto, com o crânio despedaçado e Romain estava a expirar. Assim morria aos 28 anos um dos primeiros seres humanos a elevar-se nos ares. Os dois primeiros mártires da navegação aérea foram sepultados no cemitério de Wimille.

# AZTECAS

A tenacidade desses homens que forjaram sobre um pântano abandonado o coração do seu próprio império, fez deles o povo mais rico e mais poderoso do México

## Nos jardins flutuantes de Tenochtitlan

Vindo do Norte da América depois de longas migrações que começaram há mais de mil anos, o povo azteca não possuía propriamente unidade de origem. Depois do desaparecimento da civilização tolteca (200 km ao Norte do México) cerca do século XII da nossa era, várias Cidades-Estados autônomas se constituíram nas margens do lago Texcoco: Azcapotzalco, Cholula, Tenochtitlan, Colhuacan, Texcoco... que salvaguardaram ferocemente a sua independência e se despeçaram umas às outras em lutas estérteis.

● Não havia moeda azteca. Certas provisões ou mercadorias eram utilizadas como meios de troca: o quachtli (peça de tecido), 20 quachtli (uma carga ou um fardo completo), o grão de cacau, o xiquipilli (saco de 8000 grãos), o pequeno machado de cobre, o tubo de penas cheio de pó de ouro e muitas outras moedas oficiosas, escolhidas ao acaso dos negócios.

Todos esses pequenos povos inimigos falavam a mesma língua — o nahuatl — visto que todos eram aztecas. Entre esta poeira de tribos, a dos Méxicos (que sofrera o domínio de Colhuacan e depois de Azcapotzalco) decidiu, para se subtrair a esses domínios insuportáveis, refugiar-se numa ilha do Lago Texcoco onde, no ano 1325, fundou uma povoação: Tenochtitlan — a actual cidade do México — que em breve se transformaria em capital. O centro primitivo do México repousava sobre solo firme e pedregoso, mas, à medida que a cidade se alargou, foi preciso ganhar terreno, ora sobre as águas, ora sobre os pântanos. Foi então que os Méxicos imaginaram esses jardins flutuantes que iam crescer pouco a pouco sobre o elemento líquido. Jardins feitos de estacas sobre as quais se amontoava o lodo arrancado às águas (é certo que nesse ponto pouco profundas) e que, pouco a pouco, ajudados pelo seu próprio peso, iam descendo e formavam raízes no fundo do lago.

## De Acamapichtli a Fernando Cortez

Foi por volta de 1375 que os Méxicos fundaram a sua dinastia (com Acamapichtli). Alguns anos — não muitos — mais tarde, conseguiram submeter a cidade livre de Azcapotzalco. Depois, animados por este êxito, associaram-se com Texcoco e Tlacopan. Em resumo: rapidamente ocuparam o primeiro lugar do grupo. É esse o ponto de partida do tão famoso Império Azteca.

Montezuma I, que foi o primeiro imperador (1440-1469) estendeu o seu domínio para o Sul, e o seu sucessor Axaya-

● O ano azteca era dividido em 18 meses de 20 dias (360) aos quais juntavam, para restabelecer o equilíbrio solar, 5 dias «vazios». Durante esses dias, considerados nefastos, cessava toda a actividade e a vida parecia extinta. O século azteca durava 52 anos, isto é, 13 (número sagrado), multiplicado por 4 (outro número sagrado), correspondendo aos 4 pontos Norte, Sul, Este e Oeste: acatl, tepectli, calli e tochtli.

calt fez ainda mais, pois atingiu Oaxaca. Mais tarde, Ahuitzolt (que reinou a partir de 1486) avançou para Oeste até à Guatemala. Foi o seu sucessor Montezuma II quem fez frente aos espanhóis de Cortez. Todos sabemos como estes no espaço de poucos anos reduziram à obediência o poderoso império azteca.

## O Tlacatecuhtli, Senhor dos guerreiros

O jovem azteca era, desde o seu nascimento, «votado» à guerra, motivo por que aos 7 anos entrava numa academia (Telpochcalli) onde recebia educação militar. Quando capturava um prisioneiro, obtinha o cobinado título de «iyac». Mas isso não bastava! Se ao cabo de várias campanhas se verificasse que não tinha progredido ou não se distinguiu suficientemente, devia renunciar à carreira das armas e dedicar-se a cultivar a terra.

● A espada azteca, única no seu género, tinha cerca de 1,20 m. de comprimento. O corpo era de madeira muito dura e apresentava na parte inferior pontas aceradas de obsidiana, coladas com cimento especial: raiz da árvore de caucho, terra argilosa, sangue de ave e de orgêlolo.

O iyac que, prosseguindo nos seus feitos de armas, conseguisse capturar ou matar quatro guerreiros inimigos, era então nomeado «téquiua» e tinha o direito de participar das distribuições do produto dos impostos ou das presas de guerra. Se continuava a fazer-se notar, tinha acesso aos graus superiores — cacique, chichiméque, águia — e podia candidatar-se às ordens militares do Estado Maior do Exército: as «águas» e os «ajuaques».

À frente do exército estava o imperador e um dos seus títulos era, precisamente, o de Tlacatecuhtli «senhor dos guerreiros». Era assistido por quatro chefes que comandavam os quatro grandes núcleos do México. Entre estes, um Tlacatecatl — espécie de chefe do estado maior — era o adjunto do imperador e o comandante efectivo do exército. Logo abaixo vinham os chefes dos núcleos secundários e os bravos que já citamos (águas, jagures, etc.).

A grande massa dos guerreiros tinha como equipamento uma armadura de algodão acolchoado, embebida em salmoira e à prova de flechas. O seu arma-

mento incluía dardos de ponta de cobre, pesadas fundas, arcos para flechas e moccas.

Os oficiais (chefes e ordens militares) tinham, além da armadura, um outro traje de guerra que consistia numa pele de felino (jagures), uma túnica de penas (águas) ou ainda uma segunda armadura, mais vistosa e brilhante do que a primeira (de protecção). Como armas usavam uma espada — maquahuil —, um punhal de lâmina de obsidiana e um escudo.

## O conselho supremo reina sobre os Calpulli

A forma de organização política azteca assentava sobre o clã — calpulli — representando um conjunto de territórios, propriedade de um determinado número de famílias. Esses calpulli possuíam a sua administração e, sob a direcção de um chefe (o Calpulec), tinham o seu templo próprio.

Cada calpulli enviava ao Conselho Supremo um delegado e era esse Conselho Supremo que repartia as terras e elegia os 4 «grandes oficiais» que comandavam os 4 bairros principais da cidade.

● A cozinha azteca tinha alguns pratos originais, tais como as lagartas do agave (mococtli), as rasas com molho de pimentões, o peixe branco com molho de sementes de cabaca esmagadas, as formigas com asas, os tritões com pimentões amarelos, os girinos e as moscas de água cozidas, os ovos de axayacatl (espécie de caviar), as raízes de batata doce, o cão e o iguano com pimentões.

O Conselho Supremo tinha à frente um destes 4 chefes, cujas funções eram, principalmente, militares.

A sociedade estava dividida em várias classes: os nobres, o povo (operários e camponeses), os mercadores e os negociantes, os servos e, finalmente, os escravos. Os sacerdotes, que tinham lugar à parte e de importância na vida dos aztecas, provinham quase sempre da nobreza.



## O Deus Huitzilopochtli alimentado com carne humana

Segundo conta a lenda, os deuses foram criados por Omecuectli e Omecihuatl e os homens por Tezcatlipoca e Quetzalcoatl. Mas estes dois últimos não se entendiam e guerrecavam-se continuamente.

Antes de viver entre os homens, Tezcatlipoca reinava no país Mixtêque, sobre quatro direcções:

tepectl (Norte) acatl (Este)  
tochtli (Sul) calli (Oeste)

(para cada uma delas havia uma cor diferente) e quando desceu até aos Aztecas «desagregou-se».

O azul do Sul tomou o nome de Huitzilopochtli, o branco do Oeste o de Quetzalcoatl, o vermelho do Oeste o de Xipe Totec. Quanto ao Norte, o (negro), ficou Tezcatlipoca.

Os deuses e as divindades eram numerosos e Huitzilopochtli, «Deus da Guerra, do Sol e senhor do Mundo», tinha um lugar à parte. Como era possuidor de um apetite feroz e só se alimentava da carne e do sangue dos seus inimigos, era preciso oferecer-lhe numerosas vítimas escolhidas entre os prisioneiros de guerra.

Se esta religião — tirânica — permitiu aos aztecas estenderem o seu domínio sobre a maior parte dos povos da América Central, em contrapartida causou a sua perda, com o famoso Quetzalcoatl, (Deus Branco, de barba, que tinha desaparecido a Oeste e que, segundo as crenças, devia reaparecer a Este). Quando o conquistador Fernando Cortez apareceu a cavalo às portas do México, os crédulos aztecas, cheios de terror, acreditaram imediatamente na realização da velha profecia. Foi isso que permitiu a um punhado de audaciosos espanhóis tornarem-se senhores do mais belhós império do Novo Mundo.

No próximo número:  
**VIAGEM AO CABO CANAVERAL**



## VIAGENS em PORTUGAL



### BENAVENTE

Venham daí! Hoje é dia grande, dia de sol, de cor, de movimento. Vamos ao Ribatejo! Vamos a Benavente!

Enquanto o nosso autocarro roda pela estrada repleta de alegres excursionistas, vamos contar-lhes uma curiosa lenda ligada a esta vila.

No ano 44 da nossa era, um ilustre cavaleiro da Maia (arredores do Porto) chamado Caio Carpo Palenciano, tendo desposado a nobre dama Cláudia Lobo Zalenca, saiu a passear pelas imediações de Matozinhos com sua mulher e convidadas numa luzida cavalgada. Pouco depois avistavam uma embarcação que navegava com proa ao Norte e, quando todos se entreteriam a olhar o mar e a barca, a montada de Caio espantou-se e fugiu para o mar. Mergulhou, desapareceu aos olhos dos que tinham ficado em terra e só tornou a aparecer junto do navio. Mas tanta o cavaleiro como o cavalo estavam cobertos de canchas.

Os tripulantes da embarcação trataram imediatamente de recolher os naufragos e, pouco depois, explicavam a Caio Palenciano que eram cristãos, discípulos do apóstolo S. Tiago e que iam fugidos dos inféis, levando consigo o corpo do seu mestre para ser sepultado em Espanha. E mais exploraram ao cavaleiro que os canchas que o cobriam eram sinal de que S. Tiago lhe apontava o caminho do cristianismo, visto que tais canchas seriam de futuro o símbolo dos servos do santo.

Caio Palenciano ficou tão comovido que logo ali pediu o baptismo. Depois foi reunir-se a sua esposa e aos amigos, a quem converteu com a narrativa do que lhe acontecera.

Par que lhes contáreis esta lenda? Porque deste Caio descendem os condes de Benavente, em cujas armas figuravam cinco canchas.

Mas cá estamos na alegre vila ribatejana. Terra abençoada onde tudo se cria, desde o trigo e o milho ao arroz, desde o sobreiro à oliveira do gado bravo às mansas ovelhas. E peixe do Tejo. E o Ribatejo e está tudo dito!

Benavente deve a sua origem a um grupo de colonos estrangeiros que D. Sancho I — ou não tivesse ele merecido o cognome de Povoador... — aqui mandou fixar.

Se alguma coisa há que entristeça esta alegre vila, é a recordação das três abalos sísmicos particularmente graves que pelos séculos fora tem sofrido. O último, a 23 de Abril de 1909, reduziu as casas a um montão de escombros e fez algumas vítimas. Estão a admirar o brasão de Benavente? Reparem: são os atributos da milícia de Avis, ou sejam a cruz, um pendão e duas travessas.

Viva Benavente — terra boa, terra farta!

**APRENDA RADIO TELEVISÃO**

PELO NOSSO CURSO MÉTODO PRÁTICO POR CORRESPONDÊNCIA E CONOMIAMENTE E EM POUCO TEMPO

TODO O MATERIAL QUE ADU HOBBYER SER-LHE A ENVIADO

PEÇA O FOLHETO GRÁTIS E ILUSTRADO À MAIS ANTIGA ESCOLA DO GÊNERO NO PAÍS E SEQUENTEMENTE LEGÍSSIMA

**RADIO ESCOLA**

Director  
Álvoro Torralba  
Apartado 81 - N.  
R. Fernão Lopes, 8 - LISBOA  
Tel. 4.31.36

# MEXICO



A cidade tinha ligação com os seus interiores arrabaldes: Acazapotzalco (7); Tlacopan (8), Chapultepec (9) — onde começava um aqueduto de água potável. Essa ligação fazia-se por meio de calçadas (10) assentes sobre o Lago Texcoco (11) e os pântanos circundantes.

Cerca de meio milhão de habitantes povoavam a cidade aglomerada em redor do Grande Santuário (12) e do Palácio Imperial (13).

No bairro de Tlatelolco ficava o mercado (14) cujos produtos eram trazidos pelos canais (15) que atravessavam a cidade em todos os sentidos ou pelos próprios agricultores (16).

Entre todas as mercadorias expostas, avultavam as cordas, as peles de animais, as cores para tingir e escrever, que vinham do interior do país (17).



México — Tenochtitlan foi fundada em 1325. Diz a lenda que os veneráveis, em busca de local para fundarem uma cidade, viram uma água empoçada numa cacto devorando uma serpente. O augúrio pareceu-lhes favorável e ali ficaram. O selo oficial do México e a respectiva bandeira reproduzem esta lenda (1 e 2).

O México reproduzido no mapa (A) é o de há cerca de cinco séculos. A cidade dividia-se então em quatro bairros.

(3) Ao Norte (Tecuati) — Cuepopan, o bairro das flores.

(4) Ao Sul (Tochtli) — Moyotlan, o canto dos mosquitos.

(5) A Este (Acatl) Teopan, o bairro do templo.

(6) A Oeste (Calli) — Aztacalco, a casa das garças.

Perto do Templo (12) erguia-se o Palácio Imperial (13) vigiado interiormente por uma guarda de elite (18) e no exterior pelos Tequihuia (19) capitaneados por um sub-chefe (20) e um cacique (21).

Os espetáculos mais apreciados pelos Aztecas eram os combates de um prisioneiro (22) que, amarrado pela cintura a um marco de pedra, devia bater-se com dois guerreiros-águas (23), um guerreiro-jaguar (24) e, finalmente, um Iyac canhoto (25), dirigidos por um chichimeco (26) e dois sacerdotes soldados (27, 28).

Vemos ainda na ilustração um príncipe contemplando o espectáculo (29), um embaixador (30) que saiu da sua barca coberta (31), os nobres (32), os negociantes (33) acompanhados dos seus escravos (34) e um artesão (35).

## FOGUETÃO

### DEUSES E HOMENS CRUÉIS

(36) Incensador do templo onde ardia continuamente uma mistura de caucho e copa (37 e 38) Leques que testemunhavam a alta categoria do seu portador.

(39) Cuauhxicalli: vaso onde eram depositos os corações das vítimas nos sacrifícios humanos.

Estas eram imoladas no alto do templo (12) (40 e 41) Punhais de lâmina de obsidiana com os quais os sacerdotes (27 e 28) abriam o peito das vítimas.

(42) Idolo de Uitzilpochtli, o deus da guerra, em honra do qual as vítimas eram imoladas.

(43 e 44) Modelos de espadas tipicamente aztecas.

(45) Templo do Deus do Fogo.



# O CIRCUITO FANTÁSTICO

por JEAN GRATON



É A CENTRAL DE ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO PARA TODAS AS CADEIAS. A SELECÇÃO DAS PEÇAS DIFERENTES PARA CADA TIPO DE CARRO É REGULADA POR UM SISTEMA DE CARTÕES PERFURADOS E DE COMANDO ELECTRÓNICO.



...E À SAÍDA DA CADEIA, PÕE-SE O MOTOR EM MARCHA E CADA CARRO PARTE PARA O SEU DESTINO!



AGORA VAMOS PARA A SECÇÃO DOS PESOS PESADOS...

TENHO UM PRIMO QUE CONDUZ UM E ELE DIZ QUE ANDA NA "BRASA" !?



MIGUEL!

SIM, PAI?



SE NÃO ME ENGANO, YA! SER PRECISO INSTALAR UMA CADEIA DE CARROS DE PEDAL

DE PEDAL?! EU JA GUIE! UM CARRO VERDADEIRO!...

...E BUANDO NA BICICLETA A MOTOR DO MEU IRMÃO!



ENTÃO, MEUS SENHORES, PEÇO DESCULPA! QUEREM EXPERIMENTAR UM DOS Nossos CARROS DE CORRIDA?

O! QUE...

EH PAI, TÁS MALUCO! NÃO DIZAS QUE SIM, SE NÃO TEMOS QUE O FAZER.



ACABOU-SE A BRINCADEIRA!... MIGUEL, GOSTARIA DE TE VER NO GABINETE DE ESTUDOS.

OK, PAI! VOU TER CONTIGO AO GABINETE DE JOÃO PEDRO



ENTÃO... TENHO QUE VOS ABANDONAR, MAS VOCES CONTINUARÃO A VISITA COM O CHEFE DAS OFICINAS, DEPOIS AO MEIO-DIA, IRÃO ALMOÇAR A CANTINA...

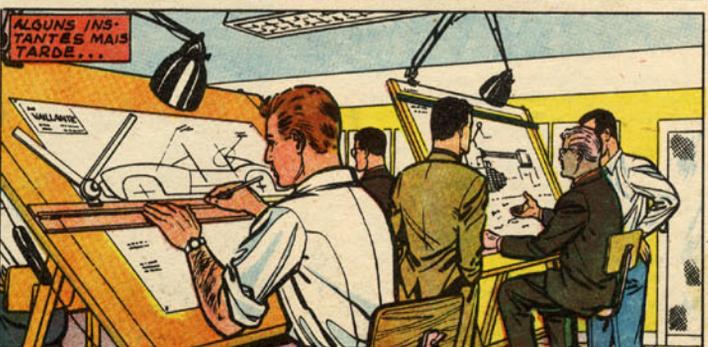
...E HOJE TEMOS SORVETE PARA A SOBREMESA.



DEPOIS DUMA CURTA VISITA AO SEU PRÓPRIO ESCRITÓRIO...

BOM DIA... HÁ DOIS VISITANTES QUE...

DIGA-LHES QUE TENHAM PACIÊNCIA, MEU PAI CHAMOU-ME.



ALGUNS INSTANTES MAIS TARDE...

# A BP E A JUVENTUDE

## UMA PISCINA NA ARÁBIA

Para vocês, jovens, BP é um nome que sugere petróleo e óleos. Mas já pensaram o que existe ALÉM DISSO?

Uma Companhia de Petróleo é como um mundo onde estão espalhadas várias raças e várias paisagens. Existem problemas humanos, soluções que têm que ser encontradas, facilidades a conceder àqueles que, com as suas famílias, se encontram a trabalhar nos mais inhóspitos pontos da terra onde a civilização é uma coisa muito distante, ali representada apenas por eles. Lembrem-se que há rapazes como vocês, filhos de empregados da BP, vivendo na escaldante Arábia ou na Pérsia. A volta deles foi erguida uma cidade, um oásis no meio do deserto, onde lhes são proporcionadas as condições de vida a que estavam acostumados nas suas terras. E ali não falta nada. A «cidade» ergue-se ao lado da grande refinaria, puxada para o litoral mais fresco, a dois passos do «terminal» onde os petroleiros acostam para carregar petróleo.

Esta é uma prova flagrante do cuidado que a BP põe nas condições da vida dos jovens que a profissão do pai atirou para locais estranhos: a piscina de crianças na Refinaria de Aden.

Com todo o seu aspecto de civilização, a piscina encontra-se no litoral da Arábia...



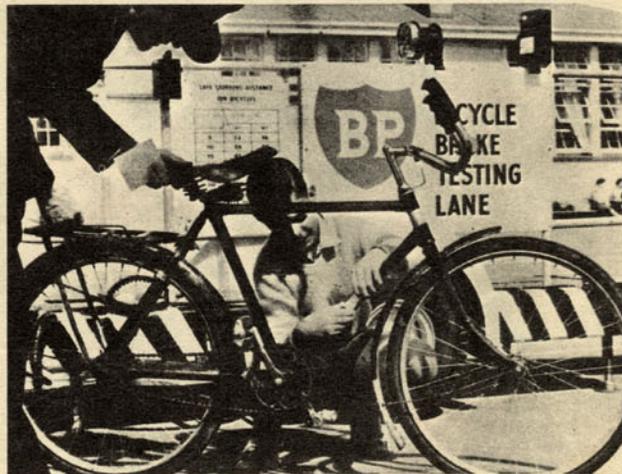
## OS ESTUDANTES E A BICICLETA

Wellington é o cenário. Um jovem aluno da Escola Central de Miramar, dá os últimos retoques na sua bicicleta, sob os conselhos dum Inspector de Trânsito.

E porquê?

Porque a BP, auxiliada pelo Ministro dos Transportes da Nova Zelândia, membros do Governo, Clubes Automóveis e Professores, organizou ali uma sessão de experiências sobre condução em bicicletas, para a qual convidou os alunos das escolas.

Deve tomar-se em linha de conta que as bicicletas são muito usadas na Nova Zelândia pelos jovens estudantes.



## LIÇÕES DE TRÂNSITO E A JUVENTUDE

Problemas de trânsito são problemas dos nossos dias. Todos vocês o sabem! O homem da cidade tem que ser perito em atravessar ruas, em conhecer os sinais, em conduzir o seu carro. Porque da certeza dele depende a sorte, — e quantas vezes a vida — dos outros.

O trânsito aumenta de dia para dia. É preciso que os jovens de hoje, que são os homens de amanhã, estejam preparados para enfrentar o natural crescimento de viaturas que o futuro lhes promete. Para isso há a educação da juventude nesse sentido.

Na Áustria, a BP organizou sessões de «escolas de trânsito», fartamente concorridas pelos jovens, que começam, assim, de novos, a tomar contacto com problemas que lhes interessam.



# GAMI & MIKU



# O CIRCUITO FANTÁSTICO

ATENÇÃO!  
RAPAZES E RAPARIGAS  
O PASSE DE TURISMO DE JUVENIL

ALÉM DE SER QUALQUER COISA DE NOVO PARA AS VOSSAS FÉRIAS, O «PASSE BP» OFERECERÁ-VOS MAGNÍFICOS PRÉMIOS!



**FRANÇA DESPORTIVA** 2ª EDIÇÃO  
DIRECTOR: LOUIS L'ATOUR  
O GRANDE DIÁRIO PARISSIENS DA MÃO  
Nova ofensiva dos Soviéticos  
**DESAFIO RUSSO AO CARRO AMERICANO!**  
(Por telegramas do nosso correspondente)  
**SENSACIONAL!**  
OS FABRICANTES SOVIÉTICOS PROPÕEM UMA GRANDE CORRIDA DE AUTOMÓVEIS PONDO LADO A LADO OS MELHORES VOLANTES EUROPEUS E AMERICANOS.



(continua)